Diretor — Américo de Campos, 1875-1884; Francisco Rangel Pestana, 1875-1890; Julio Mesquita, 1891-1927; Nestor Rangel Pestana, 1927-1933; Plinio Barreto, 1927-1958

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA (1891-1927)

Cap. e Int. de São Paulo: d. ú. NCr$ 0,25, dom. NCr$ 0,40. Assin. NCr$ 60. End. Rua Major Quedinho, 28. Tel.: 239-3133. End. Telegráfico ESTADO. Telex: 021-601 e 021-602.

DIRETOR: JULIO DE MESQUITA FILHO — ANO 89 — TERÇA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO DE 1968 — N.º 28.710 — DIRETOR REDATOR-CHEFE: MARCELINO RITTER

Radiofoto AP

Gomulka, Ulbricht e Brezhnev conversam em um intervalo do V Congresso do PC Polonês

O PCI vai intervir em favor da Checoslováquia

ROMA, 11 — Uma delegação de alto nivel do Partido Comunista Italiano partiu hoje para Moscou a fim de pedir aos sovieticos que retirem as tropas invasoras da Checoslovaquia. Os comunistas italianos — segundo fontes do PCI — exigirão essa retirada como condição para participar da conferencia internacional dos partidos comunistas, marcada em principio para o proximo mês de dezembro, em Moscou.

A conferencia, desejada pelos sovieticos e varias vezes adiada, "não será util nem possivel sem uma verdadeira normalização das relações entre os varios partidos comunistas. Para o Partido Comunista Italiano, a primeira condição para essa normalização é a retirada das tropas sovieticas do territorio da Checoslovaquia" — sustentam informantes do PCI. O Partido Comunista Italiano — que é o maior do Ocidente, com 1.600.000 membros — não aceita o tratado russo-checo que prevê a permanencia, por tempo indeterminado, de tropas do Pacto de Varsovia na Checoslovaquia.

A delegação do PCI permanerá varios dias em Moscou, mas não poderá avistar-se imediatamente com o secretario geral do Partido Comunista sovietico, Leonid Brezhnev, que se encontra em Varsovia, participando do V Congresso do PC polonês. A delegação italiana é chefiada por Enrico Berlinguer, membro da Comissão Central — o secretario geral Luigi Longo está doente — e integrada por Carlo Galluzzi, chefe da Divisão de Politica Externa; Paolo Bufalini, especialista em relações com intelectuais; Arturo Columbi e Armando Cossutta.

Admitida a divisão

VARSOVIA, 11 — "Uma avaliação realista da situação dificil e complexa na qual o movimento comunista proletario mundial se encontra hoje leva-nos á conclusão de que o processo de superação das atuais diferenças será longo e dificil" — afirmou hoje o secretario-geral do Partido Unificado dos Trabalhadores Poloneses (comunista), Wladislaw Gomulka, reconhecendo a profundidade da divisão do movimento comunista internacional, agravada pela invasão da Checoslovaquia.

Gomulka atacou duramente a China e a Albania pelo seu afastamento da liderança de Moscou e criticou a Iugoslavia e os partidos comunistas do Ocidente que se opuseram á invasão da Checoslovaquia, ação que tentou justificar. Perante 1.700 delegados e representantes de partidos comunistas convidados — entre os quais o secretario geral do PC sovietico, Leonid Brezhnev, e quase todos os lideres dos PCs da Europa Oriental — Gomulka acusou a China de causar prejuizos irreparaveis á causa socialista pela sua politica de "chauvinismo nacionalista e de grande potencia". A Albania foi chamada de "cabeça de ponte na atividade destruidora da China na Europa".

A Iugoslávia

Referindo-se á Iugoslavia, que tem sido duramente atacada pela imprensa polonesa por condenar a invasão da Checoslovaquia, Gomulka disse que esse pais pode continuar a "sua chamada politica separatista somente graças á proteção dos paises membros do Pacto de Varsovia".

"Os paises que tentarem seguir o seu exemplo — prosseguiu — enfrentarão a intervenção imperialista, pressões e golpes politicos do Ocidente". Esta afirmação foi considerada pelos observadores como uma advertencia aos paises do bloco oriental de que é inutil tentar mudanças não permitidas pela União Sovietica.

Razão de Estado

A invasão da Checoslovaquia, segundo Gomulka, foi "uma medida profilatica para defender a paz e a segurança da Europa e, portanto, efetuou-se no interesse de todas as nações. Era preciso derrotar os planos do imperialismo e eliminar o perigo que ameaçava os checoslovacos no campo socialista. Foi isto que levou os cinco paises-membros do Pacto de Varsovia a entrarem na Checoslovaquia".

"Esta medida — continuou — foi ditada tanto por nosso dever internacionalista, como comunista, quanto por nosas razão de Estado, no interesse da salvaguarda da paz e da segurança".

Mais adiante Gomulka condenou a "inclusão de elementos da democracia burguesa no organismo da democracia socialista, pois esta orientação significa uma deformação revisionista do socialismo".

Partidos ocidentais

Gomulka tratou também da discordancia de varios partidos comunistas do Ocidente quanto á invasão da Checoslovaquia e tentou diferenciar claramente a conduta dos Partidos que estão no poder e dos que ainda lutam por ele: "Os partidos ocidentais podem ter as suas taticas e estrategias particulares, mas não podem exigir de seus partidos irmãos que estão no poder que adaptem a sua linha politica á que eles seguem. Isto não é possivel nem justo".

Tentando, ao mesmo tempo, suavizar as divergencias, disse que os diferentes pontos de vista resultantes das varias condições e experiencias, de que decorrem atitudes diferentes com relação a taticas, não violam os principios do internacionalismo, sendo possivel a união de todos na luta contra o "inimigo comum — o imperialismo".

Ausência de Kadar

"Ao Congresso estão presente todos os dirigentes dos PCs cujos paises invadiram a Checoslovaquia, á exceção de Janos Kadar, da Hungria: Leonid Brezhnev, da URSS; Walter Ulbricht, da Alemanha Oriental; Todor Shizkov, da Bulgaria; e Wladislaw Gomulka, da Polonia. Os observadores acham que Kadar, percebendo o tom radical da reunião, não quis comparecer para não prejudicar suas relações com a Checoslovaquia e Iugoslavia.

AFP, ANSA, AP, Reuters e UPI

O eleito encontra Johnson

WASHINGTON, 11 — O recém-eleito presidente Richard Nixon manteve hoje uma entrevista particular com o presidente Lyndon Johnson, no decorrer da qual ambos analisaram a guerra do Vietnã e outros assuntos internacionais. Acompanhado de sua esposa, Nixon veio a Washington procedente de Key Biscayne, Florida, onde repousou durante quatro dias.

Na Casa Branca, Nixon e sua esposa foram recebidos pelo casal Johnson, que lhes ofereceu um almoço. Findo o encontro, Nixon manifestou total apoio ás decisões do presidente Johnson sôbre politica externa, autorizando-o, inclusive, a falar daqui por diante não só em nome do seu governo, como também no da proxima administração. Pagina 9.

Tito volta a desafiar expansionismo russo

OSIJEK, Iugoslavia, 10 — O presidente Josip Broz Tito voltou hoje a formular violentas criticas à teoria sovietica de "soberania limitada" dos paises socialistas, afirmando que "o socialismo não pode ser construido com baionetas", que a Iugoslavia mantém boas relações com os paises ocidentais e que qualquer tentativa para afastá-la de seus aliados estará condenado ao malogro.

O chefe de Estado iugoslavo falou durante uma grande concentração de trabalhadores no centro industrial e agricola de Osijek, na fronteira com a Hungria. Calcula-se que seu pronunciamento foi ouvido por cerca de 200 mil pessoas, que por diversas vezes o interromperam com aplausos e entoando a popular canção que diz: "Camarada Tito, juramos que não nos desviaremos do teu caminho".

A tonica do pronunciamento do presidente foi a condenação ao sistema de blocos que "domina o mundo" e as criticas á União Sovietica.

"Pesadas nuvens se acumulam nos céus de todo o mundo — afirmou — pois surge o espectro de uma nova teoria de independencia e soberania". Esta afirmação foi interpretada pelos observadores como uma clara alusão aos sovieticos, que defendem a tese de que os paises socialistas têm sua soberania limitada pelos interesses da comunidade socialista internacional, o que serviu para justificar a invasão da Checoslovaquia.

Soberania iugoslava

Arrancando aplausos da multidão, Tito afirmou dramaticamente: "Nossa soberania e nossa independencia, nós já as pagamos com sangue, uma vez e para sempre; mas, se fôr necessario, nós a preservaremos também com sangue". Esta foi, certamente, uma referencia á constante ameaça sovietica que pesa sobre as fronteiras iugoslavas, depois que o governo de Belgrado se manifestou contra a intervenção militar na Checoslovaquia. Desde então, Tito tem criado "milicias populares" em todo o país, e mencionado frequentemente a disposição do povo iugoslavo de reagir com todos os meios a seu alcance a qualquer tentativa de invasão de seu territorio.

Mais adiante, o presidente referiu-se ás "tentativas de isolar a Iugoslavia de seus aliados". E acrescentou: "Quem tentar fazer isso, estará condenado ao malogro, pois temos muitos amigos em todo o mundo. A Iugoslavia conquistou grande prestigio no mundo inteiro e também relações economicas e politicas com muitos paises e com a maior parte das nações européias".

Alemanha Ocidental

Tito ressaltou os laços de amizade com a Alemanha Ocidental, país que tem sido um dos alvos mais constantes dos ataques sovieticos. Disse que o restabelecimento das relações diplomaticas com o governo de Bonn criou "todas as condições necessarias" para o incremento de relações economicas com aquele pais:

"Devemos procurar ampliar ainda mais nosso comercio com a Alemanha Ocidental, que dispõe do que necessitamos e a quem temos o que oferecer — afirmou. Mas a Iugoslavia tem também interesse em cooperar, na base da igualdade, com todos os paises".

Este trecho do discurso de Tito foi considerado pelos observadores como particularmente importante nas atuais circunstancias, quando a Iugoslavia sofre grande pressão economica por parte dos paises da Europa Oriental. Essas pressões, orientadas por Moscou, têm como objetivo forçar o retorno da Iugoslavia á linha comunista ortodoxa, dentro das diretrizes ditadas pelo Cremlin.

Repercussão

Nos circulos diplomaticos e entre os observadores de Belgrado o pronunciamento de Tito em Osijek teve grande repercussão e foi considerado como a mais veemente tentativa até agora feita pelo chefe de Estado para explicar ao povo a crise nas relações da Iugoslavia com a União Sovietica e os demais paises do bloco socialista.

O presidente começou a fazer essa "campanha pessoal" — como afirmam alguns observadores — nas regiões da fronteira com a Bulgaria, e agora concentra suas atenções nas zonas fronteiriças com a Hungria, pontos pelos quais, numa eventual invasão, as tropas do Pacto de Varsóvia teriam que penetrar, e onde deverão encontrar as primeiras resistencias.

Um prêmio para Djilas

NOVA YORK, 11 — A "Freedom House" atribuiu o "Troféu da Liberdade" para 1969 ao escritor e ex-vice-presidente iugoslavo Milovan Djilas, numa homenagem ao homem "cujos apelos eloquentes à liberdade individual são a inexorável e lógica consequência de seus sofrimentos pessoais sob um regime autoritário". A "Freedom House" é uma instituição fundada há 25 anos, formada pela fusão de várias comissões norte-americanas antinazistas.

Entre as personalidades a quem já foi outorgado o "Troféu da Liberdade" estão Winston Churchill, Jean Monnet, Lyndon Johnson, Harry Truman e, no ano passado, o violoncelista espanhol exilado Pablo Casals.

"A nova classe"

Milovan Djilas, que foi um dos principais assessôres do presidente Josip Broz Tito, caiu em desgraça em 1953, quando foi expulso da Comissão Central do PC iugoslavo por ter manifestado opiniões contrárias à politica do govêrno de Belgrado. Em 1955 foi prêso, por ter publicado no exterior vários artigos "tendenciosos". Em 1957 foi novamente encarcerado, por ter "difundido opiniões hostis ao povo e ao Estado iugoslavo", no seu livro "A Nova Classe". Depois de nova condenação em 1962, foi libertado em janeiro de 1967, mas somente há poucos meses conseguiu obter visto de saida de seu país, para lecionar nos Estados Unidos, onde pretende radicar-se ainda êste ano.

Govêrno de Praga adota "linha dura"

PRAGA, 11 — Enquanto a reação popular á sujeição do governo de Praga a Moscou torna-se cada vez mais violenta, as autoridades checas tratam de adotar medidas mais energicas de censura á imprensa: hoje foram expulsos do país 7 jornalistas ocidentais e suspensa por 30 dias a publicação do semanario "Politika", que passou a ser editado pela Comissão Central do PC checo depois da ocupação do país por tropas sovieticas. Paralelamente, anuncia-se que dois notorios "conservadores filossovieticos" serão nomeados para a direção da radio e da televisão estatais.

Hoje pela manhã, um grupo de varias centenas de trabalhadores apupou e agrediu, nesta capital, cerca de mil comunistas pró-sovieticos que saiam de uma reunião, promovida pela Associação de Amizade Checo-Sovietica, durante a qual foi aplaudida a intervenção militar na Checoslovaquia. Participaram também da reunião algumas dezenas de militares russos — entre os quais havia pelo menos um general — que foram obrigados a deixar a sede da Associação por uma porta lateral.

A grande maioria dos comunistas checos presentes á reunião eram homens e mulheres de idade — por isto chamados "velhos comunistas" — geralmente funcionarios subalternos do partido que perderam seus cargos ou suas oportunidades de promoção quando foi instalado no país o regime reformista de Alexandre Dubcek.

O principal orador da reunião foi Vaclav David, ex-ministro das Relações Exteriores do governo de Antonin Novotny, que elogiou a decisão sovietica de invadir a Checoslovaquia. Sua oração terminou assim: "Confiamos na grande força da União Sovietica, contra os revanchistas e os imperialistas".

Choques

Quando os velhos comunistas" começaram a deixar o predio, defrontaram-se com varias centenas de trabalhadores que os aguardavam aos gritos de "traidores", "fascistas", "desavergonhados", "colaboracionistas". Alguns manifestantes mais extremados investiram contra os "colaboracionistas", desferindo-lhes golpes com guarda-chuvas, socos e pontapés. Um jovem militar sovietico foi cercado por algumas mulheres enraivecidas, que lhe cuspiram no rosto.

Os dois ônibus em que os soviéticos se retiraram foram cercados pela multidão e quase depredados. A Polícia interveio em tempo de evitar graves consequências e fez algumas prisões. Três pessoas sairam feridas e foram hospitalizadas.

Apêlo e críticas

O primeiro-ministro Oldrich Cernik fez hoje pela televisão um enérgico pronunciamento, condenando as manifestações anti-soviéticas e fazendo um apêlo aos estudantes para que não promovam novos atos daquela natureza porque "poderiam criar uma situação capaz de levar a uma tragédia".

Cernik classificou de "grupos de irresponsáveis" os que provocaram as manifestações de 28 de outubro e 7 de novembro e esclareceu que o govêrno "está decidido a reprimir energicamente semelhantes acontecimentos, se se repetirem durante a próxima reunião da Comissão Central do Partido Comunista, no dia 14, ou no Dia Internacional dos Estudantes, a 17 dêste mês".

Referindo-se às manifestações de 7 de novembro, aniversário da revolução bolchevista, Cernik afirmou: "Ninguém jamais poderá duvidar da importancia da revolução russa de outubro. Os problemas políticos não podem ser resolvidos com atos que atendem mais à psicose de massa do que à razão. Tôda ação, que assume forma aventureira, volta-se contra seus próprios objetivos e provoca um caos propício aos delinquentes juvenis e às fôrças anti-socialistas".

Expulsos

Os jornalistas expulsos da Checoslováquia — um norte-americano e seis alemães ocidentais — foram acusados de divulgar notícias tendenciosas a respeito da movimentação de tropas soviéticas em território checo e sôbre as manifestações anti-soviéticas. Tiveram um prazo de 6 horas para deixar o país.

Os novos diretores da radio e da televisão estatais serão, respectivamente, Miroslav Karny, ex-redator-chefe do diário do PC da Boemia, demitido do cargo em janeiro, e Jan Fojtik, ex-editorialista do "Rudé Pravo", órgão oficial do PC checoslovaco, afastado de suas funções logo após a invasão do país pelas tropas do Pacto de Varsóvia. Essas nomeações, segundo fontes autorizadas, fazem parte das exigências soviéticas para que o Estado assuma um contrôle mais rígido dos veiculos de informação.

AFP, ANSA, AP, Reuters e UPI

Mais notícias do mundo comunista na página 2.

Radiofoto AP

50 anos

Soldados franceses, com uniformes e armas da Primeira Guerra Mundial, desfilaram ontem em Paris no quadro das comemorações do 50.o aniversário do armistício que pôs fim ao conflito. Página 12.

Cuba ataca Richard Nixon

HAVANA, 11 — "Richard Nixon é um mal bastante conhecido pelos povos da Ásia, da África e da América Latina". Foi o que declarou hoje a Radio Havana, comentando a recente vitória eleitoral do candidato presidencial republicano, Richard Nixon.

"Nixon viajou para Seul — prosseguiu a radio — com o objetivo de reiterar os planos agressivos norte-americanos contra a Coréia do Norte. Tramou a invasão mercenária que derrubou o presidente guatemalteco Jacobo Arbens. Enalteceu o sanguinário ditador dominicano Rafael Trujillo e tomou parte ativa no planejamento da malograda invasão da Baía dos Porcos".

Prosseguindo, disse ainda a emissora cubana: "Quem não se lembra do sorridente Nixon em Cuba, cobrindo de honras o ex-presidente Fulgêncio Batista, enquanto se derramava o sangue revolucionário nas ruas? Em 1952, quando o ex-presidente Eisenhower escolheu-o para companheiro de chapa, disse: "Êste é o meu preferido". Depois da malograda tentativa, em 1960, o predileto de Ike beneficiou-se dos assassínios dos irmãos Kennedy".

"A crise na administração democrática — afirmou a emissora — e mais 25 milhões de dólares abriram as portas da Casa Branca para um ardiloso Nixon. Se êle pretender aplicar novos planos de agressão contra Cuba, o resultado será, inevitàvelmente, o mesmo: malôgro total. Nem o bloqueio, nem a invasão da Baía dos Porcos, nem a ameaça de agressão do imperialismo ianque têm sido capazes de deter a revolução cubana".

Convite

BOGOTÁ, 11 — O recém-eleito presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, convidou o presidente colombiano, Carlos Lleras Restrepo, a visitar os EUA em princípios do próximo ano. A notícia foi divulgada hoje pelo matutino conservador "El Siglo".

Israel apóia

NOVA YORK, 11 — O chanceler de Israel, Abba Eban, declarou hoje aqui que seu país está satisfeito com a política dos Estados Unidos e que não espera nenhuma alteração nessa política, depois da posse de Richard Nixon na presidência.

"Tanto Nixon quanto Humphrey — disse Eban — manifestaram seu apoio à Israel durante a campanha eleitoral. Israel considera a política norte-americana imparcial e acredita que ela será mantida após a posse de Nixon".

AFP, AP, Reuters e UPI

48 páginas